

## É A FÉ EM DEUS JUSTIFICÁVEL RACIONALMENTE?

IS FAITH IN GOD RATIONALLY JUSTIFIABLE?

*Julian Batista Guimarães<sup>1</sup>*

### **RESUMO:**

O objetivo deste artigo é apresentar o problema da relação entre fé e razão a partir da questão principal que a investigação filosófica sobre o tema levanta: a fé em Deus pode ser justificada racionalmente ou ela não passa de uma escolha pessoal, subjetiva, mero sentimento? É o problema de saber se o que realiza plenamente o ser humano (o crente, pelo menos) é ou não uma questão que possa ser discutida racionalmente, i.e., se se pode considerar a fé como um tipo de racionalidade, que tem seus próprios conceitos ou se a fé é irracional e incompatível com a razão.

**Palavras-chave:** Fé. Razão. Racionalidade hermenêutica.

### **ABSTRACT:**

This paper intends to presents the problem of relationship between faith and reason from the main question that philosophical research on the subject arises, namely, faith in God can be justified rationally or it is just a personal choice, subjective, mere sentiment? In other words, it is the problem of whether what fully realizes the human being is or not a matter that can be discussed rationally. The question is if one can consider faith as a kind of rationality, which has its own concepts or if faith is irrational and incompatible with reason.

**Keywords:** Faith. Reason. Hermeneutic rationality.

Pretende-se apresentar neste trabalho algumas das reflexões presentes na abordagem filosófica à questão de Deus proposta por João A. Mac Dowell, que procura justificar a possibilidade de se conceber racionalmente a fé e a atitude religiosas. O caminho da Filosofia da Religião escolhido por ele parte da experiência religiosa do ser humano, i.e., do fenômeno religioso como uma dimensão histórica específica da existência humana procurando explicar o que é Religião a partir da reflexão sobre a pluralidade das manifestações religiosas. Essa abordagem pressupõe a fé como algo já dado na experiência religiosa do ser humano e reflete filosoficamente sobre ela para perguntar se é possível afirmar uma racionalidade de seu ato.

Nesse sentido, esse caminho diferencia-se da abordagem metafísica da Teologia Filosófica que, partindo da pergunta geral pelo sentido da realidade e da existência humana, pretende chegar à afirmação de Deus como realidade última de explicação do sentido<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bacharel e licenciado em Filosofia pela FAJE. E-mail: [julianbg\\_sj@yahoo.com.br](mailto:julianbg_sj@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Sobre a distinção entre Filosofia da Religião em sentido estrito e Teologia Filosófica, ver MAC DOWELL, João A. *Filosofia da Religião: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico*. In: *Interações – Cultura e Comunidade*, v. 6, n.10 (2011).

Assim, o presente trabalho apresenta três momentos: 1) mostrar a relevância da reflexão sobre o tema no contexto da sociedade atual; 2) analisar as estruturas básicas da razão e da fé a partir de uma abordagem fenomenológica; 3) apresentar a possibilidade de justificação racional da fé, no âmbito de uma racionalidade hermenêutica, e de sua validação numa civilização da razão. Para isso nos serviremos basicamente das reflexões de João A. Mac Dowell (FAJE) e de Jean Ladrière sobre o tema, mostrando sua proposta de apresentar uma compreensão da fé em Deus que satisfaça os critérios da racionalidade e que supere as unilateralidades do racionalismo e do fideísmo. Mas antes de tratar da questão central achamos conveniente perguntar pelo sentido ou importância de tal reflexão, ou seja, mostrar sua pertinência em nossa sociedade atual.

## **1. Importância da investigação filosófica sobre o problema de Deus**

Podemos ressaltar o sentido dessa reflexão filosófica chamando atenção para dois aspectos principais: o da *atualidade* do problema de Deus no campo da cultura contemporânea em geral e no âmbito da reflexão filosófica; e o da *centralidade* histórica e teórica que problema de Deus assume na história e no pensamento humano.

*1.1. A questão da atualidade do problema de Deus se desdobra na pergunta pelo interesse com que os homens de nossa sociedade contemporânea tratam da questão.*

Será que a questão religiosa sobre a existência de Deus ainda tem importância para as pessoas de nosso tempo ou ela é tratada com indiferença como se fosse uma questão superada, como algo que pertence apenas a um passado marcado pelas sombras do medievo, ou como se fosse mero resquício do tempo pueril de uma humanidade que hoje se encontra em sua maioria da razão? E há lugar para essa discussão hoje no meio filosófico?

Mac Dowell argumenta que a atualidade da questão de Deus se evidencia a partir do contraste entre os fatores que levaram ao declínio ou desinteresse pela religião e os fatores que possibilitaram o seu ressurgimento. Esse conflito emerge no seio do fenômeno que chamamos de secularização e ele nos mostra que a questão de Deus hoje não é uma questão tranquila ou facilmente resolvível nem recebe uma resposta única. E aí é que entra a importância do debate e da investigação filosófica a seu respeito.

Com efeito, o processo de secularização de nossa sociedade ocidental, intensificado a partir da modernidade, constitui-se em numa luta de independência das diversas realidades sociais (econômica, política, cultural) em relação à visão religiosa de mundo e na tentativa de

por um fim à justificação das realidades de nossa vida concreta a partir de um fundamento transcendente oferecido basicamente pela religião, caracterizando o que autores, como Charles Taylor<sup>3</sup>, chamam de *crise da cristandade*. O exemplo maior desse movimento antirreligioso pode ser encontrado na confiança absoluta na razão e no progresso tecnocientífico e econômico possibilitado pelo avanço da ciência moderna, confiança que se traduziu na esperança de que o homem seria capaz de resolver os próprios problemas e na difusão da mentalidade de que Deus poderia tornar-se desnecessário à vida humana.

Por outro lado, embora os traços da secularização continuem com sua força característica, há uma convergência entre estudiosos do fenômeno religioso sobre a afirmação de um renascimento da religiosidade que vem acontecendo desde o final do século XX e que mostra que a questão de Deus voltou a ocupar um lugar central na sociedade contemporânea em todo o mundo. De acordo com Mac Dowell, podemos identificar como as principais causas desse ressurgimento religioso a decepção com as promessas do progresso científico e técnico, a relativização das verdades racionais (ou a consciência cada vez maior dos limites da razão e da ciência) e a insatisfação com a falta de sentido da vida moderna. Contudo, esse ressurgimento da religiosidade hoje tende a assumir formas novas e diversas, entre elas os ecletismos e os fundamentalismos religiosos que põem com força a exigência da reflexão filosófica sobre esse fenômeno da cultura. Nas palavras de Mac Dowell,

A situação religiosa atual manifesta, ao que tudo indica, não tanto um declínio da religiosidade, como a crise das formas tradicionais de religião, próprias das instituições religiosas do Ocidente (Igrejas), que não conseguem situar-se adequadamente ante o individualismo e o subjetivismo pós-modernos. De fato, o que se observa é o surgimento anárquico de expressões religiosas, que se apresentam, aliás, sob duas formas distintas, os fundamentalismos, voltados para o passado, e as propostas inovadoras, que apontam para o futuro. *Este fenômeno suscita a questão da autenticidade e valor humano de tal religiosidade*, que não pode ser respondida senão por uma investigação filosófica sobre o divino<sup>4</sup>.

Também no âmbito da Filosofia, após a crescente crítica de filósofos modernos à religião, (que vem desde o antropocentrismo cartesiano, passa pela crítica do Iluminismo à religião, pelo cientificismo positivista e ateu do século XIX e à crítica da religião empreendida por Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud) a questão de Deus voltou a suscitar grande interesse a partir do final do século XX fazendo-se presente no debate filosófico atual

---

<sup>3</sup> TAYLOR, Charles. *Uma era secular*, Introdução (p. 13-37).

<sup>4</sup> MAC DOWELL, João A. *O problema filosófico de Deus*, p. 6. (FAJE: Departamento de Filosofia, 2014. 66 pp. Apostila do curso do PPG/mestrado da FAJE. Material ainda não publicado).

entre pensadores crentes e não crentes (como exemplo desse interesse atual podemos citar os debates que vem ocorridos entre Carlo Maria Martini e Umberto Eco; entre Joseph Ratzinger e Jürgen Habermas; entre Luc Ferry e Marcel Gauchet; etc)<sup>5</sup>. cremos que essas breves indicações mostram-nos que a questão do problema de Deus é uma questão atual tanto no campo da *cultura contemporânea em geral* quanto no campo da *filosofia* atual.

*1.2. No que diz respeito à centralidade da questão de Deus, Mac Dowell o aborda sob o aspecto histórico e sob o aspecto teórico.*

Nosso autor vê a centralidade histórica do problema de Deus na medida e que este atravessa a história da humanidade e a história da filosofia, tanto como o eixo organizador da sociedade e de compreensão da realidade como motivo de fundo presente na reflexão filosófica desde os seus primórdios.

É sabido que a relação do homem com o sagrado ou com a realidade divina, i.e., a religião, constitui-se como a relação central e organizadora do universo simbólico de todas as culturas tradicionais desempenhando um papel fundamental na organização social dessas culturas e na fundamentação de seus valores, normas e instituições. “A civilização moderna ocidental, afirma Mac Dowell, é uma exceção na história da humanidade, i.e., a única civilização, até hoje, na qual o divino não constitui o eixo de compreensão da realidade e não impregna todas as formas da vida pessoal e social”<sup>6</sup>.

Na história da filosofia o problema de Deus revela-se uma questão central no fato de que a Filosofia nunca deixou de ocupar-se com as questões relativas ao divino. De fato, na Filosofia Antiga a tematização da realidade divina se faz presente tanto na busca do princípio (arché) da natureza pelos pré-socráticos, como na busca do princípio supremo em Platão e Aristóteles e na filosofia helenística, na qual se destacam os epicuristas, os estoicos e os neoplatônicos. A filosofia patrística e medieval é profundamente marcada pelo pensamento teocêntrico, fruto da influência da fé cristã sobre o pensamento filosófico. Nesse sentido, no constante debate entre fé e razão desse período, o que ocorre é não tanto a discussão sobre a existência de Deus, mas a interpretação de toda a realidade a partir de sua relação com Deus.

---

<sup>5</sup> Para não me estender na enumeração de exemplos, limito-me a indicar o artigo de MAC DOWELL, João A. *Filosofia da Religião: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico*. In: *Interações – Cultura e Comunidade*, v. 6, n.10 (2011), p. 17-49, no qual o autor apresenta um panorama mais completo da problemática de Deus na filosofia contemporânea.

<sup>6</sup> MAC DOWELL, João. *O problema filosófico de Deus*, p. 9.

A filosofia moderna, mesmo procurando distanciar-se do modelo teocêntrico medieval, assume a centralidade do problema filosófico de Deus na medida em que os autores mais influentes do período, de maneira ou de outra, constroem seus sistemas filosóficos sobre a afirmação ou a negação de Deus. Também para a maioria dos filósofos contemporâneos o problema de Deus mostra-se como uma preocupação central, embora a discussão a respeito esteja mais preocupada com o modo de se abordar a questão do que propriamente com a afirmação ou a negação de Deus<sup>7</sup>.

Segundo Mac Dowell, o problema de Deus deve ser entendido também como *teoricamente* central, na medida em que a questão de Deus se identifica com a questão fundamental da filosofia que é “a pergunta de todo ser humano sobre a pergunta que ele mesmo é”<sup>8</sup>.

De fato, o interrogar-se do ser humano sobre si mesmo é o interrogar-se sobre o sentido e o fundamento último da realidade e de sua própria existência. A questão do sentido de sua existência é decisiva para o ser humano porque no fundo dela depende sua orientação e atitude perante a vida.

Nela está em jogo o seu destino. Com efeito, ou a afirmação de Deus constitui realmente o sentido da existência humana ou ela é essencialmente alienante e destruidora de nossa dignidade e valor. Portanto, em função da existência ou não de Deus, a realidade no seu todo muda de significado e, por conseguinte, também a atitude do ser humano diante da vida deve ser diferente. Daí a importância tanto teórica como existencial da questão<sup>9</sup>.

Assim, se aceitarmos que a experiência da vida humana só se torna propriamente humana quando pensada a partir de seu porquê radical, i.e., quando o ser humano assume sua condição de ter que dar uma resposta, ao menos existencial, à questão do sentido, não podemos negar que ela conduz à questão de Deus, mesmo que seja para negá-lo enquanto fonte de sentido. Pois é a partir da resposta pessoal que cada um dá a essa questão, mesmo que seja implícita ou inconscientemente, é que se constrói a própria vida.

---

<sup>7</sup> Ver PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. *Bertrand Russell e o debate atual sobre fé e razão*. In: Síntese, Belo Horizonte, v. 40, n. 128, 2013. Nesse artigo o autor apresenta as linhas fundamentais do debate atual sobre a relação entre razão e fé a partir, sobretudo, de filósofos que se situam na perspectiva da Filosofia Analítica da Religião. Nesse sentido, o artigo revela o teor e ilustra bem os rumos da discussão filosófica atual sobre o problema de Deus. Sobre a discussão contemporânea da Filosofia da Religião, MAC DOWELL, João A. *Filosofia da Religião: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico*. In: Interações – Cultura e Comunidade, v. 6, n.10 (2011).

<sup>8</sup> MAC DOWELL, João. *O problema filosófico de Deus*, p. 14.

<sup>9</sup> MAC DOWELL, João. *O problema filosófico de Deus*, p. 16.

## 2. A Fé e a Racionalidade

### 2.1. *A fé em Deus como fé radical*

Jean Ladrière reconhece que a fé, mesmo para o não crente, constitui um fato cultural importante na sociedade em que vivemos. Diz ele que “a fé, pelo menos para o crente, é a questão decisiva da existência, pois é nela e por ela que a existência recebe seu sentido mais englobante e mais profundo”<sup>10</sup>. A fé contém, para quem crê, verdadeiras respostas às grandes situações existenciais, por isso Ladrière a caracteriza como uma *forma de vida*, ao lado da razão. Assim, para ele, o problema das relações entre essas duas formas de vida se coloca de duas maneiras diferentes.

A primeira interpreta a fé e a razão como exteriores uma à outra, ou seja, como dimensões totalmente independentes. A razão é vista como autônoma, não precisa de outros elementos de interpretação exteriores a si mesma e é, portanto, alheia à fé. A fé, por outro lado, é vista como uma dimensão irracional da existência, que escapa ao domínio da razão numa atitude antirracionalista.

A segunda forma, mais radical do que a primeira, de se interpretar a relação entre razão e fé é a da contradição. É a ideia de que fé e razão são incompatíveis, contraditórias entre si. Esse tipo de posição, segundo o autor, se encontra tanto nos meios em que predomina um racionalismo científico que pretende ter tornado caducas e ultrapassadas as ideais religiosas em virtude dos progressos da ciência, como também onde há formas extremas de fideísmo que tratam a razão como se fosse uma ameaça ou um perigo a ser evitado. Ademais, o autor faz ver que em ambos os casos em que se manifestam formas de racionalismo e de fideísmo, há uma compreensão no mínimo estreita do que sejam a fé e a racionalidade.

Mac Dowell também reconhece um confronto atual existente entre posições racionalistas, por um lado, e posições ou atitudes fideístas, por outro, e pretende contribuir com esse debate oferecendo uma concepção de fé em Deus como um tipo específico de racionalidade capaz de superar os estreitamentos e os excessos tanto do racionalismo quanto do fideísmo. Para tanto, ele propõe-se primeiramente uma reflexão filosófica acerca da natureza da fé e da racionalidade.

---

<sup>10</sup> LADRIÈRE, Jean. *A fé cristã e o destino da razão*, p.81.

Como ponto de partida da reflexão, ele distingue dois aspectos da fé: a fé enquanto ato de crer e a fé enquanto conteúdo em que se crê<sup>11</sup>. A questão de saber se a fé pode ter ou não uma racionalidade diz respeito ao ato e não ao conteúdo da fé, portanto, não se trata num primeiro momento, de determinar a verdade de conteúdos religiosos, mas de saber se a fé enquanto atitude pode ser justificada racionalmente ou se é um sentimento subjetivo e arbitrário, fora do âmbito da razão. Portanto, é preciso determinar antes como deve ser entendida a fé autêntica enquanto ato.

Mac Dowell compreende a fé enquanto ato de crer como um “conhecimento experiencial que corresponde a uma compreensão intuitiva pessoal daquilo em que se crê”<sup>12</sup>. Nesse sentido, a fé não deve ser entendida como fruto de um raciocínio ou de uma argumentação, mas sim como fruto de uma experiência pessoal que leva o sujeito a uma adesão profunda àquilo que a experiência lhe revela. Dentro desse tipo de conhecimento experiencial, o autor identifica um tipo de atitude ou capacidade própria de todo ser humano, que é a “compreensão intuitiva e pessoal de determinado bem como valor supremo de sua vida”<sup>13</sup>. A esse tipo de conhecimento ele chama de *fé radical*. Fé radical designa, então, a adesão pessoal a um valor que serve como critério último, que orienta as escolhas da pessoa e confere sentido à sua existência. Esse valor orientador não aparece apenas como valor transcendente ou religioso, pois é possível que o ser humano eleja como seu valor supremo a ciência, a política ou a busca de riquezas ou de poder. A fé em Deus aparece aqui, portanto, como uma modalidade da fé radical, mas não como a única possível.

A fé em Deus se entende, portanto, à luz da caracterização da fé radical, como “o reconhecimento [de Deus como] aquilo que dá sentido à existência de cada um. i.e., como o valor que fundamenta e norteia, em última análise, suas aspirações e projetos, suas atitudes e decisões”<sup>14</sup>. E, embora os bens assumidos por cada um como o valor supremo da vida possam ser diferentes (como de fato o são), a fé radical possui como fundamento uma evidência racional graças à qual aquele que crê empenha com convicção sua vida em função do valor em que crê. Essa evidência racional é o que faz com que a fé radical não seja um mero

---

<sup>11</sup> Assim também Jean Ladrière (Ibidem, p. 102).

<sup>12</sup> MAC DOWELL, João. *A fé como compreensão intuitiva pessoal do sentido da realidade*, p. 455.

<sup>13</sup> MAC DOWELL, João. *A fé como compreensão intuitiva pessoal do sentido da realidade*, p. 455.

<sup>14</sup> MAC DOWELL, João. *A fé como compreensão intuitiva pessoal do sentido da realidade*, p. 433. É importante notar que Mac Dowell entende como autêntica a fé em Deus como *fé radical*, i.e., como distinta da fé como adesão cega ou recebida acriticamente. Para ele a fé autêntica não é nem um raciocínio teórico nem se confunde com a fé obtida pela mediação de testemunhas, como ocorre na adesão a uma religião específica. Trata-se estritamente, da experiência pessoal de Deus como sentido da realidade, embora aqueles elementos externos (a reflexão, o testemunho religioso ou a tradição) possam ser ocasião do *despertar* dessa experiência pessoal.

sentimento subjetivo nem uma decisão arbitrária da vontade. Em que consiste então essa evidência racional?

A evidência da fé radical é uma evidência de caráter pessoal que se liga à dimensão intuitiva presente no conhecimento pessoal ou existencial da realidade. Esse tipo de conhecimento supõe uma sintonia entre o que conhece e o que é conhecido, ou seja, depende de uma predisposição ou abertura do conhecente em relação à realidade no sentido de um deixar que a realidade se mostre como ela é. Esse tipo de conhecimento intuitivo e pessoal, embora envolva a pessoa toda, não deixa de ser um ato do intelecto capaz de fornecer ao conhecente uma evidência que não é meramente subjetiva, mas racional, como veremos mais adiante, no tópico sobre a racionalidade.

Jean Ladrière, ao perguntar pela racionalidade das motivações da fé chega a uma conclusão semelhante à mencionada acima seguindo um caminho diferente. Segundo ele, em toda afirmação, por simples que seja, há o aspecto pragmático da linguagem, de modo que para se assumir na existência aquilo que está implicado na afirmação não basta o ato de compreensão, mas é preciso também a aquiescência da vontade. Argumenta ele:

Mas evidentemente o ato de aquiescência que intervém assim no reconhecimento de um fato, por mais simples que seja, não é de modo algum arbitrário: está fundado sobre motivações. Toda tomada de posição séria em relação a um fato supõe razões suficientes<sup>15</sup>.

Esse engajamento da vontade, além do ato intelectual da compreensão, que é exigido pela adesão ao que é afirmado está fundado sobre motivações que se apoiam em critérios.

Ladrière identifica as motivações racionais da fé a dois níveis possíveis de inteligibilidade e, portanto, de racionalidade da fé. O primeiro nível de racionalidade da fé corresponde a uma *estrutura de receptividade* da fé no interior da existência humana. Para ele, esse lugar de acolhida da fé é a dimensão ética da existência, pois é nela que o ser humano se vê diante da tarefa de sua própria realização. O segundo nível de inteligibilidade corresponde a uma *espera* inscrita no homem, espera por sua realização. Vejamos a conclusão do próprio autor:

Se há na existência uma espera do que a fé lhe traz, então é possível compreender a fé como resposta a essa espera. E uma tal compreensão dá razões de acolher a fé. Lidamos aqui, portanto, com motivações que tem um caráter de racionalidade, no sentido de que fazem aparecer a fé não como puramente exterior à realidade humana, mas como uma realidade que vem se inscrever no núcleo mesmo da realidade humana, tal como ela é e tal como pode se reconhecer<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> LADRIÈRE, Jean. *A fé cristã e o destino da razão*, p.107.

<sup>16</sup> LADRIÈRE, Jean. *A fé cristã e o destino da razão*, p.123.



De acordo com as ideias acima apresentadas, podemos dizer que a fé em Deus como fé radical apresenta, pois, três características principais: a primeira é que ela é uma adesão livre a Deus como o bem ou valor que confere sentido à sua existência e essa adesão se dá não como uma escolha entre isso e aquilo, mas a partir de uma sintonia entre as disposições concretas da pessoa e o bem visado por ela. A segunda é que a certeza da fé que a pessoa tem em Deus é proporcional àquela evidência pessoal que a pessoa possui da manifestação de Deus como sentido da existência. Mas, como a evidência depende da sintonia ou abertura da pessoa para com a realidade que lhe dá sentido, e como essa sintonia pode aumentar ou diminuir, também a evidência está sujeita a variações que introduzem um elemento de obscuridade na fé, tornando-a mais ou menos intensa segundo o grau da evidência. A terceira característica da fé em Deus como fé radical é a confiança que pode brotar como consequência da fé radical. Com efeito, se a fé radical é o conhecimento pessoal de algo como o valor que preenche as aspirações de felicidade de alguém, a confiança é o efeito desse reconhecimento i.e., o que confere à pessoa uma *segurança* à sua resolução de viver de acordo com esse valor.

## 2.2. A estrutura da racionalidade

Uma vez estabelecidas as características principais do ato de fé, passamos à reflexão sobre a racionalidade para podermos verificar em seguida se a fé, enquanto uma atitude cognitiva existencial, possui uma racionalidade própria ou se ela é externa e incompatível com a razão.

Tanto Mac Dowell quanto Ladrière entendem que o uso atual dos termos *razão* e *racionalidade* está ligado a uma compreensão reducionista da razão humana porque ordinariamente estes termos designam o conhecimento de tipo científico, objetivamente comprovado por experimentação e argumentação. Por isso ambos propõem uma distinção entre os diversos significados ou formas que a racionalidade pode assumir.

O primeiro, a partir de uma análise hermenêutica, distingue duas dimensões fundamentais da razão, uma dimensão intuitiva e uma dimensão discursiva, distintas, mas interligadas entre si<sup>17</sup>. A intuição intelectual, na perspectiva hermenêutica, corresponde ao compreender, ou seja, a qualquer compreensão imediata do sentido da realidade, seja no seu conjunto seja em aspectos específicos, como em princípios. Podemos dizer, é a compreensão implícita presente em toda experiência humana do mundo.

---

<sup>17</sup> MAC DOWELL, João. *A fé como compreensão intuitiva pessoal do sentido da realidade*, p. 439.

“O discurso (discorrer, percorrer um caminho), ao contrário da intuição, corresponde ao movimento progressivo da razão em vista da compreensão”<sup>18</sup>. Nesse sentido, é a dimensão da razão que procura compreender tanto o que ainda não foi conhecido como explicitar, expor ou justificar aquilo que já é compreendido implicitamente.

Desse modo, intuição e discurso são intimamente ligadas enquanto funções da razão. Se, por um lado, a intuição precede o discurso como seu fundamento, ela implica o discurso como seu complemento, pois o conteúdo compreendido pela intuição só pode ser explicitado discursivamente. Assim também o discurso implica a intuição como seu conteúdo, como aquilo em relação ao qual o discurso tem sentido, caso contrário tornar-se-ia mero palavreado.

Essa distinção nos leva a compreender duas coisas: primeiro, que há uma tendência de grande parte do pensamento moderno em ignorar a importância da função intuitiva da razão à medida que privilegia a linguagem e o discurso. Segundo, que a fé em Deus é um tipo de conhecimento que corresponde a uma intuição intelectual, pois tem o caráter de uma experiência do sentido da realidade no seu todo.

Outra importante distinção na análise da razão introduzida por Mac Dowell é a distinção entre intuição pessoal e impessoal. A intuição impessoal corresponde ao ideal de conhecimento da ciência porquanto pretende uma neutralidade, i.e., não envolver as disposições pessoais singulares do conhecente nem afetá-lo existencialmente. O conhecimento ou intuição pessoal, ao contrário, envolve a singularidade do conhecente, pois é um tipo de conhecimento que exige uma predisposição pessoal, uma abertura à realidade a ser conhecida. É um tipo de conhecimento existencial como o que se faz presente nas relações humanas, mas nem por isso pode ser considerado como meramente subjetivo, já que não se trata de uma mera projeção do sujeito sobre a realidade deformando-a, mas de uma acolhida da realidade tal como ela se manifesta e, para tal, as predisposições do conhecente são necessárias.

Desse modo, os dois modos de compreensão da realidade, pessoal e impessoal, não são excludentes, mas complementares à medida que chegam à realidade sob aspectos diferentes. Mas, novamente, encontramos na história do pensamento moderno certo desprezo pelo conhecimento pessoal e a primazia do conhecimento lógico-demonstrativo por influência da ciência moderna que tendeu a considerar o conhecimento pessoal como meramente subjetivo.

---

<sup>18</sup> MAC DOWELL, João. *A fé como compreensão intuitiva pessoal do sentido da realidade*, p. 441.

Com essas distinções pretende-se mostrar que a razão não se reduz à sua dimensão discursiva nem apenas ao tipo de conhecimento impessoal, neutro ou objetivo, em contraste com a tendência atual de compreender a racionalidade<sup>19</sup>. Assim, após mostrarmos a possibilidade de uma compreensão mais abrangente da razão humana, podemos compreender quais seriam os critérios básicos da racionalidade numa perspectiva hermenêutica.

De acordo com a distinção entre racionalidade intuitiva e discursiva apresentada acima, os critérios da racionalidade são apresentados sob dois aspectos que correspondem a cada uma daquelas dimensões, a saber, os critérios da racionalidade intrínseca<sup>20</sup> e da racionalidade extrínseca. O primeiro diz respeito ao fundamento que alguém tem para fazer uma afirmação, i.e., a evidência de sua convicção que se funda, portanto, na experiência que a pessoa faz da realidade. O segundo é a possibilidade de a pessoa justificar o que afirma por meio de razões, i.e., discursivamente.

O primeiro critério da racionalidade intrínseca é a *evidência*. A maior ou menor racionalidade de uma afirmação se mede pelo grau da correspondência entre a afirmação e a evidência que o sujeito possui. Assim, podemos dizer que se a evidência é forte, se todas as razões a corroboram, a afirmação racional terá o grau da certeza. Se a evidência é fraca, se poucas razões a sustentam ou se elas não são conhecidas, a afirmação, para ser racional, deve ser assumida como apenas possível.

O segundo critério da racionalidade intrínseca é a *abertura ao questionamento*, à contestação de outrem o que confere a esse critério a possibilidade de transição ao caráter intersubjetivo da racionalidade. Contudo, essa abertura ao exame das objeções não implica imediatamente o abandono da posição inicial, mas a possibilidade de ampliar a sua visão da realidade pela inclusão de novos elementos provenientes do diálogo, bem como a capacidade de correção dos erros que possam figurar na afirmação inicial. Nesse sentido, não é necessário

---

<sup>19</sup> Mac Dowell propõe, a partir das distinções mencionadas, uma enumeração dos usos que o termo *racionalidade* pode adquirir. Essa enumeração (que vai de 1 a 9) mostra como a extensão dos significados de racionalidade, que começa com a atividade intelectual e volitiva do espírito humano, passa pela pelas funções intuitiva pessoal e impessoal, vai-se estreitando cada vez mais, até chegar às funções discursiva, demonstrativa, lógica e científica, cuja redução não significa, porém, necessariamente, um aumento de racionalidade. Jean Ladrière propõe uma classificação em cinco grupos de disciplinas a partir das quais explora a ideia de saber racional em geral. São elas: a) as ciências formais; b) ciências empírico-formais; c) disciplinas hermenêuticas; d) filosofias de tipo analítico; e) filosofias de tipo especulativo. Tal divisão também sugere uma variação da extensão do termo racionalidade cujo significado mais estreito identifica às ciências formais (matemáticas e lógica), não, porém, no sentido de serem *mais racionais* que as outras (Ver Ladrière, 2008, p. 86-96).

<sup>20</sup> O significado da expressão *racionalidade intrínseca* aqui apresentada refere-se à racionalidade em geral e difere, portanto, daquilo que Ladrière chama de *racionalidade intrínseca da fé*, que se refere à racionalidade do próprio conteúdo da fé.

que aquela afirmação fundada na evidência seja, em princípio, demonstrada até que se levantem objeções contra ela. O que esse critério exige é a abertura, o exame das objeções postas.

O critério da racionalidade extrínseca é a exigência de se poder ir além da evidência pessoal de que o conhecente dispõe, ou seja, é a possibilidade da afirmação ser sustentada por razões acessíveis aos outros também. A racionalidade extrínseca depende da possibilidade de se discutir a sua verdade, não da verdade em si da proposição, mas de que ela tenha sentido e de que possa, em princípio, ser comprovada. Tal critério se cumpre se é possível chegar-se a conclusão sobre a verdade ou falsidade da proposição afirmada mediante argumentação. É preciso notar, porém, que a verificação não se realiza apenas pela observação empírica, mas que existem outros métodos racionais capazes de comprovar as proposições não empíricas, como é o caso das proposições filosóficas. Mac Dowell, em sua exposição sobre a racionalidade da fé, adota o método fenomenológico-hermenêutico e explica:

No caso [...] da fé em Deus julgamos que o método mais apto é a *mostração fenomenológico-hermenêutica*. Esta justificação é própria dos conhecimentos referentes aos primeiros princípios simples (noções) e complexos (proposições) da realidade e da razão, bem como ao sentido da realidade no seu todo, já que tais conhecimentos não podem ser inferidos nem indutiva nem dedutivamente de outros. Ela consiste na explicitação crítica, numa perspectiva hermenêutica determinada, daquilo que já é précompreendido espontaneamente no exercício da razão humana. O discurso da razão a respeito das questões fundamentais não é senão uma tentativa de explicitação de uma précompreensão intuitiva da realidade no seu todo e nas suas regiões<sup>21</sup>.

Feitas essas observações a respeito da racionalidade, vejamos agora como elas se aplicam à fé em Deus e como podem servir como justificação racional da fé.

### 3. A racionalidade da fé em Deus

O passo seguinte da proposta de Mac Dowell consiste na aplicação dos critérios da racionalidade à fé em Deus como fé radical com o intuito de mostrar que essa modalidade de fé pode ser justificada racionalmente, ou seja, que ela possui uma racionalidade. Como a fé foi definida como um conhecimento pessoal é preciso ver em que sentido esse tipo de conhecimento aplicado à fé pode ser considerado racional.

O conhecimento pessoal possui como características a *intuição intelectual* de caráter existencial que envolve o conhecente como um todo em seu ato, a *evidência* que resulta de

---

<sup>21</sup> MAC DOWELL, João. *A fé em Deus enquanto forma específica de racionalidade*, p. 22. (FAJE: Departamento de Filosofia, 2014. Apostila do curso do PPG/mestrado da FAJE. Material ainda não publicado).

sua relação com o conhecido e uma *disposição originária* que configura a pessoa e gera sua sintonia com determinados valores. Mac Dowell cita a amizade como um exemplo desse tipo de conhecimento pessoal para mostrar que ele satisfaz os critérios de racionalidade intrínseca (ou intuitiva) e extrínseca (discursiva). Quando temos um amigo bastante próximo, nossa confiança nele é baseada numa evidência pessoal que resulta dessa relação e que, embora não seja fundada numa análise objetiva de dados, é capaz de assegurar um grau elevado de certeza sobre a amizade que existe entre nós. Nesse sentido, é racional a princípio, confiar na amizade; desconfiar sem motivo é que seria irracional. Por outro lado, e aí entra o segundo critério da racionalidade intrínseca, que é o da abertura ao questionamento, se a amizade é contestada com fundamento, seria irracional não estar disposto a rever nossa crença se pudermos dispor de informações a respeito. Essa possibilidade de abertura à revisão e à eventual mudança de posição diante de evidência contrárias satisfaz, portanto, o segundo critério de racionalidade.

O critério de racionalidade extrínseca é a capacidade de justificar, de mostrar as razões de minha crença nessa amizade para outras pessoas que não participam dela. Embora eu não seja capaz de transmitir aos outros com profundidade e toda a riqueza existencial que sustenta a minha evidência pessoal dessa amizade que tenho com alguém, posso ser capaz de traduzi-la discursivamente, elevando aquela evidência pessoal ao nível intersubjetivo no qual ela poderá ser discutida por outros. E isso é suficiente para afirmar a racionalidade presente nesse conhecimento pessoal que tenho da amizade de alguém.

De modo análogo, Mac Dowell mostra que a fé em Deus, enquanto fé radical, não se trata de uma mera opção arbitrária e sem fundamento, mas implica uma evidência pessoal porque ninguém, que conscientemente vive em função de determinado objetivo, que espera dele sua realização, adere cegamente a esse valor que dá sentido a sua vida, mas, ao contrário, tem razões que sustentam esse engajamento. Sendo esta fé uma convicção da pessoa então ela estará disposta a justificá-la e a apresentar razões para defendê-la, caso contrário sua atitude será irracional. Como a evidência pessoal que sustenta a crença depende das disposições da pessoa, pode ser que ela se altere com questionamentos ou outras experiências que a contrariem. Contudo, o que confere a racionalidade à atitude, segundo o critério apresentado acima, é a abertura, a disposição a examinar as objeções e razões contrárias que se apresentarem. Assim, sobre a racionalidade intrínseca da fé em Deus, Mac Dowell conclui:

A fé radical funda-se, portanto, em uma evidência intuitiva, que pode explicitar-se mais ou menos em razões discursivas. A atitude de quem crê neste ou naquele valor como sentido de sua existência será, portanto, racional se ele preencher também a segunda condição da racionalidade subjetiva, i.e., estiver disposto a examinar eventuais objeções, que podem levá-lo a perceber a limitação de sua maneira de encarar a realidade e a mudar a sua própria atitude diante dela<sup>22</sup>.

Quanto ao critério da racionalidade extrínseca aplicado à fé em Deus temos o seguinte. O que se coloca em questão aqui por esse critério, diz respeito não mais a atitude da pessoa, mas à possibilidade de se discutir racionalmente aquilo que é afirmado por ela, entretanto, não ainda a verdade ou falsidade do que é afirmado.

No caso da fé em Deus, vimos que se trata de uma experiência pessoal de natureza tal que, embora não possa ser comunicada diretamente aos outros, pode ser traduzida discursivamente na tentativa de se justificá-la com razões que podem ser, em princípio, compreensíveis e discutíveis intersubjetivamente.

Em relação a esse ponto Mac Dowell explica que “a racionalidade extrínseca da fé radical depende da possibilidade de se discutir racionalmente se existe ou não tal fim ou valor supremo próprio do ser humano, enquanto tal, e qual seria ele”<sup>23</sup>. Isso significa que para estabelecer a racionalidade da fé radical requer-se, por ora que essa discussão possa fazer-se racionalmente, não que se tenha de provar a existência ou não desse fim supremo. Assim, argumenta ele, o fato de não chegarmos a conclusões evidentes nem a um consenso a respeito do valor supremo não implica que não se possa *debatê-lo*. Ao contrário, essa discussão já acontece no meio filosófico, como indicado anteriormente. Com isso, conclui, “fica demonstrada a racionalidade extrínseca da fé, que consiste justamente em reconhecer que a afirmação religiosa de Deus pode ser submetida a um autêntico debate racional, com o fim de estabelecer sua verdade ou falsidade”<sup>24</sup>.

## Conclusão

Com isso o autor defende que a fé não se opõe à razão, mas encontra-se no âmbito racional, desde que se compreenda a fé como um modo de compreensão intuitiva pessoal da realidade e desde que não se reduza a razão à razão discursiva, demonstrativa ou científica. A fé, desse modo, não se reduz a um mero sentimento, a uma pura emoção embora ela não exclua os elementos afetivos, por ser um modo de compreensão existencial. Enquanto

---

<sup>22</sup> MAC DOWELL, João. *A fé em Deus enquanto forma específica de racionalidade*, p. 25.

<sup>23</sup> MAC DOWELL, João. *A fé em Deus enquanto forma específica de racionalidade*, p. 27.

<sup>24</sup> MAC DOWELL, João. *A fé em Deus enquanto forma específica de racionalidade*, p. 28.

possuidora de uma racionalidade específica, a fé em Deus pode ser compreendida como uma atitude própria do ser humano enquanto ser racional. Seria irracional, ao contrário, atacar preconceituosamente a atitude de fé em Deus sem dispor-se a discuti-la racionalmente, sem procurar entendê-la ou negar de antemão a realidade divina à qual ela se refere. Assim, conclui Mac Dowell,

a demonstração da racionalidade da fé, superando tanto o racionalismo quanto o fideísmo, garante à autêntica atitude religiosa um lugar de pleno direito no mundo cultural contemporâneo. Ela abre também o caminho para a discussão do problema fundamental da própria existência de Deus<sup>25</sup>.

Afirmamos, portanto, a importância da discussão filosófica sobre o problema de Deus na medida em que ela pode nos ajudar a esclarecer os limites do racionalismo e do fideísmo atuais presentes nos debates que envolvem a relação entre razão e fé. Cremos que a relevância do tema não importa somente para o crente, no sentido de auxiliar em sua defesa da fé, mas, sobretudo importa a todos aqueles que se dedicam a pensar honesta e racionalmente as questões que tocam o sentido e o valor profundo da existência humana.

### Referências bibliográficas

LADRIÈRE, Jean. *A fé cristã e o destino da razão*. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo: UNISINOS, 2008.

MAC DOWELL, João. A. “A fé como compreensão intuitiva pessoal do sentido da realidade”. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 40, n.128, 2013, p. 427-456.

\_\_\_\_\_. “Filosofia da Religião: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico”. *Interações – Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v. 6, n.10, 2011, p. 17-49.

\_\_\_\_\_. *A questão filosófica de Deus*. (Apostila do curso de Filosofia da Religião, do PPG/mestrado da FAJE, realizado entre março e junho de 2014. Material não publicado).

\_\_\_\_\_. *A fé em Deus enquanto forma específica de racionalidade*. (Texto utilizado pelo professor no seu curso de Filosofia da Religião da FAJE (2014) e ainda não publicado).

PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. “Bertrand Russell e o debate atual sobre fé e razão”. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 40, n. 128, 2013, p. 407-426.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. Trad. Nélcio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

---

<sup>25</sup> MAC DOWELL, João. *A fé em Deus enquanto forma específica de racionalidade*, p. 30.